

HIDROLÓGICAS

Um mapeamento geopoético das águas para a saúde planetária

HIDROLOGICALS
A geopoetic mapping of waters for planetary health

**Ana Carolina Santos Vicente¹, Córrego do Saracura²,
Geandre Tomazoni³, Laura Hylodes⁴,
Maria Gascho Barbosa Reis⁵, Ribeirão Anhumas⁶,
Ribeirão Baguaçu⁷ e Ribeirão São Bartolomeu⁸**

Resumo

Qual rio eu deveria seguir para chegar à casa do meu amigo, até à Amazônia ou a uma cachoeira do outro lado do mundo? Este ensaio apresenta uma reflexão sobre os fluxos das águas urbanas e os modos de produção de vida e saúde em escala planetária. Partindo da abordagem cartográfica geopoética, compreende as águas como elementos vitais e simbólicos, que a partir do seu curso, entrelaça territórios, corpos e saberes. São discutidas as propriedades e singularidades das águas doces e salgadas, suas ecologias e os papéis nos ciclos da vida. Utiliza dos conceitos de confluência e deságue para compreender os encontros e desencontros entre os rios, mares e relações humanas. O texto articula política, estética e ecologia em torno da urgência de escutar e se envolver com os ciclos da água como fundamento de justiça socioambiental e existência coletiva. É uma produção-afluente do curta metragem *Hidrológicas*, disponível em: https://youtu.be/gxhm3gQSE9Q?si=aE_FS7kzsS1gAu8D. Palavras-chave: geopoética; águas; saúde planetária; território; justiça socioambiental.

Abstract

Which river should I flow to reach my friend's house, to the Amazon or to a waterfall on the other side of the world? This essay reflects on the flows of urban waters and the modes of producing life and health on a planetary scale. Drawing on a geopoetic cartographic approach, it understands water as a vital and symbolic element whose course interweaves territories, bodies, and forms of knowledge. It discusses the properties and singularities of both freshwater and saltwater, their ecologies, and their roles in the cycles of life. The concepts of confluence and outflow are employed to explore the encounters and disconnections among rivers, seas, and human relationships. The text

1 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/2019). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/2022).

2 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/2019). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/2022).

3 Córrego do Saracura, curso d'água de São Paulo e coautor do ensaio.

4 Antropóloga pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação de Mudança Social e Participação Política (EACH-USP).

5 Arquiteta e Urbanista pelo Centro Universitário Toledo (UNITOLEDO/2023). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade pela Universidade Federal de Goiás (PPG Projeto e Cidade/FAV/UFG).

6 Ribeirão Anhumas, curso d'água de Campinas, e coautor do ensaio.

7 Ribeirão Baguaçu, curso d'água de Araçatuba, e coautor do ensaio.

8 Ribeirão São Bartolomeu, curso d'água de Viçosa, e coautor do ensaio.

brings together politics, aesthetics, and ecology around the urgent need to listen to and engage with water cycles as a foundation for socio-environmental justice and collective existence. It is an affluent production derived from the short film Hydrologicals, available at: https://youtu.be/gxhm3gQSE9Q?si=aE_FS7kzsS1gAu8D.

Keywords: geopoetics; waters; planetary health; territory; socio-environmental justice.

Introdução

Rios, mares, chuvas e lençóis subterrâneos são partes de geografias, modos de vida e ecologias. Em tempos de crise climática, colapso ambiental e políticas de morte, pensar as águas exige ir além da lógica do domínio e insuficiência para reconhecê-las como agentes de saber, resistência e regeneração. Por isso, é necessário um passeio pelos fluxos das hidrológicas, e nesta navegação geopoética compreender que as águas, doces e salgadas, moldam paisagens e imaginários, convergem e deságuam em experiências coletivas, e articulam-se com a produção de saúde planetária, aproximando o local e o global nos rios e mares do mundo.

Ora chuva, ora rio, deságua no mar, infiltra-se na terra, percola até os aquíferos, forma as geleiras e as minúsculas gotas de evapotranspiração: existe uma ideia bonita, verdadeira ou não, de que as águas em circulação no mundo sempre existiram. Para a química, a água é considerada inorgânica; porém, para as hidrológicas, só pode dar vida, o que está vivo, e como essencial aos viventes, é portanto, orgânica. Acredita-se que a capacidade de observar a água, seus estados e percursos ensina a inteligência humana em suas habilidades lógicas, sensíveis e criativas como acessar o universo simbólico das águas.

Este ensaio parte da hipótese de que a invisibilização material e simbólica das águas, especialmente as urbanas, é parte constitutiva da crise socioambiental contemporânea e compromete perspectivas de saúde planetária. Para enfrentar essa questão, propõe-se uma cartografia geopoética das águas baseada na articulação entre a noção de geopoética, de Kenneth White, o conceito de confluência contra colonial, de Antônio Bispo, e o dispositivo analítico da montagem *Warburgiana*. Mais do que respostas, pretende-se produzir infiltrações nos modos hegemônicos de entender e nomear o mundo, articulando o sensível e o político, o fluxo e a palavra, com o convite de que cada leitor possa reencantar-se nas suas águas e em tudo que nelas habita.

Hidrológicas também deu origem a um curta-metragem realizado como atividade final da disciplina de pós-graduação: Cartografias: Geopoéticas e Tecnopolíticas, oferecido pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP - São Carlos sob coordenação dos professores David Moreno Sperling e Luciano Bernardino da Costa. O grande tema foi Saúde Planetária e a perspectiva das águas foi o recorte escolhido pelo grupo. Co-criaram o curta e este ensaio os rios Ribeirão Baguaçu e Ribeirão Anhumas, de Araçatuba e Campinas, respectivamente, além do Córrego Saracura, da capital, todos em São Paulo, e o Ribeirão São Bartolomeu, de Viçosa em Minas Gerais. O poema-guia do curta *Hidrológicas* foi escrito por Laura Hylodes em colaboração com Ana Carolina Vicente, Maria Gascho Barbosa Reis, Geandre Tomazoni, que escreveram os trechos dos respectivos rios.

Hidrológicas

veja a aerodinâmica das gotas de chuva
se esparramam
pequenas aeronaves
descidas do espaço
aterriçam no chão.

das águas
à circulação
infiltram nos veios da terra
escuro
aos pés das árvores
nutrientes em absorção
fungos, sementes e broto
alimentação
cozer, ferver, filtrar, lavar
caldo de feijão.

o suco, a carne e o boi
a compactação
o quente
o frio
a cristalização.

calotas polares, glaciais, glaciares,
as geleiras, as besteias
e as mentiras da *economicização*.

sanitários, os canos,
a água em domesticação
torneira, metal, sujeira
a indústria,
as caldeiras,
os sistemas de calefação.

zonas de sacrifício.

moléculas de oxigênio,
hidrogênio,
o recurso natural e sua função
deslizam ao relevo humano
enchente
a vazão.

Na avenida Pompeu, corre o Ribeirão Baguaçu
tranquilo, entre árvores altas e ipês-rosa em flor
ao entardecer, passos leves cruzam seus caminhos,
sob a sombra fresca, sabor.

a ave e seu rio,
Ribeirão das Anhumas
em você não nado,
mas a memória dos outros rios que nadei
me lembram que mundos inteiros existem em sua bacia

vive nas dobras da cidade,
em sua margem,
o sonho de uma outra cidade
a-fluir.

Águas de São Bartolomeu
Ribeirão com nome de santo faz milagre?
Na cidade, canalizado, escondido, renegado
Águas que dão vida, escondidas da vida
Esgoto e lixo caem no rio
Esquecido por nós, por mim, por você
Duas faces: acima e abaixo
sempre aqui,
escondido e bonito.

Saracura Tamarindeiro
Vai-vai Bixiga
Córrego
Avenida
Quilombo
Ocupação
De quem é essa cidade?
De quem é esse lugar?

Águas Raras
⁹

a gota
a paisagem
a luz entra na água
o dia e a noite
o rio
o ruído branco
a chuva
a margem
o peixe
o lado de dentro
a nuvem no céu
a pedra
a lama
a água.

9 A região de Poços de Caldas - MG com ecossistemas preservados, nascentes e cursos de água enfrenta a ameaça de uma devastação irreversível diante da pressão do extrativismo internacional ambicionando a jazida de terras raras que reside dentro de um vulcão extinto do município.

Percurso metodológico: cartografia geopoética das águas

Este ensaio adota uma abordagem cartográfica geopoética para investigar as águas enquanto agentes materiais, simbólicos e políticos na produção da saúde planetária. Trata-se de um percurso interdisciplinar que articula imaginação, território, cultura visual e ecologia política para compreender como rios, mares e outros corpos d'água participam da constituição de modos de vida, conflitos socioambientais e imaginários coletivos. Mais do que representar as águas, busca-se produzir uma aproximação sensível e crítica capaz de reconhecer seus fluxos como mediadores de relações entre territórios, corpos e saberes.

A noção de geopoética, formulada por Kenneth White, constitui o eixo estruturador do ensaio. Para White (2023), a geopoética emerge do encontro entre corpo, pensamento e Terra, constituindo uma forma de conhecimento que ultrapassa algumas dicotomias modernas entre natureza e cultura, razão e sensibilidade. Nesse sentido, não se trata apenas de descrever paisagens ou elementos naturais, mas de construir formas de percepção do mundo que possibilitem revelar as memórias e relações que conformam determinado território. A escolha da geopoética como fundamento metodológico se dá pela possibilidade de pensar as águas para além de sua dimensão instrumental ou infraestrutural, reconhecendo-as também como produtoras de imaginários, afetos, cosmologias e sentidos compartilhados.

A confluência, desenvolvida por Antônio Bispo (2023), para além de sua definição hidrográfica, é compreendida como categoria político-epistemológica contra colonial, capaz de sustentar encontros entre diferentes formas de conhecimento sem dissolver suas singularidades. Em oposição às lógicas coloniais de homogeneização, classificação e apagamento, a confluência reconhece a coexistência de diferenças, afirmando a possibilidade de compartilhamento entre múltiplas cosmologias, territorialidades e experiências sensíveis. Tal perspectiva é particularmente importante para este ensaio, pois impede que o trânsito entre imaginários aquáticos de diferentes culturas seja universalizado e simplificado. Assim, a aproximação entre mitologias, religiosidades, práticas populares e experiências territoriais não pretende equivaler sistemas simbólicos distintos, mas reconhecê-los em torno da água como elemento central na organização da vida.

Tais entendimentos são articulados ao método de montagem desenvolvido por Aby Warburg (2010) em seu Atlas Mnemosyne. Mais do que uma referência estética, a montagem *Warburguiana* é aqui assumida como dispositivo analítico e interpretativo. Ao justapor imagens provenientes de diferentes tempos, geografias e repertórios culturais, Warburg propõe investigar permanências, deslocamentos, tensões e sobrevivências simbólicas. Inspirado nessa abordagem, o ensaio mobiliza constelações imagéticas das águas, associando mitologias, cosmologias, cartografias, registros territoriais e experiências urbanas, para observar como determinados símbolos persistem, se transformam ou entram em conflito ao longo do tempo e dos territórios quando postos no mesmo plano.

Analiticamente, mais do que ilustrações, as montagens são lidas a partir de tensões e disputas de imaginário, permanências simbólicas e contradições entre diferentes formas de relação com as águas, sejam compreendidas como entidades vivas, recurso natural, infraestrutura urbana ou mercadoria. Nesse sentido, interessa compreender quais imaginários hidro políticos emergem da justaposição entre águas encantadas, rios urbanos canalizados, cosmologias ancestrais e infraestruturas contemporâneas de controle e invisibilização hídrica.

O conceito da saúde planetária também opera como horizonte interpretativo do percurso porque permite compreender as águas simultaneamente como condição ecológica da vida, infraestrutura territorial e elemento constitutivo das relações sociais, culturais e políticas. Assim, propõe-se a organização do ensaio a partir da articulação entre: (i) os imaginários das águas, que revelam dimensões simbólicas e cosmopolíticas; (ii) a leitura macro territorial, por meio de cartografias e redes hidrográficas; e (iii) a presença concreta dos cursos d'água, observada em seus contextos urbanos e experiências situadas. Essas camadas não são estanques, mas confluem entre si, compondo uma leitura integrada das águas como fundamento da habitabilidade e da saúde planetária.

As águas: doces e salgadas

Imagine as primeiras comunidades humanas, assentadas em volta dos rios, ou próximas aos mares. A água doce, condição fundamental para a permanência, oferecida pelos rios possibilitava a hidratação, a limpeza, o cultivo e crescimento das roças e a pesca. Imagine também cozinhar pela primeira vez com água salgada e preparar a primeira sopa, a carne, o peixe, descobrindo o poder de manipular o sal e a sua capacidade de conservação. Ou observar o mar e ver os peixes saltando em um horizonte de água que não tem fim. Existe uma segurança antiga de que o oceano guarda alimento dentro de si e que à beira da praia, entrar no mar é fazer um retorno a algum lugar.

Portanto, para compreender a dinâmica dos humanos com a água, uma opção é lançar-se pelos simbolismos, buscando entender o fascínio humano por essas águas, doces e salgadas, com sua egrégora ancestral de guardiões em diferentes povos e culturas. Como disse Kenneth White, em *O Grande Campo da Geopoética*:

Um mundo, sem dúvida, emerge do contato entre o espírito e a Terra. Quando o contato é sensível, inteligente, sutil, tem-se um mundo em sentido pleno, quando o contato é estúpido e brutal, não se tem mais mundo, nem cultura, somente, e a cada vez mais, uma acumulação de imundo (White, 2023, n.p.).

Fortes representações culturais, através do sagrado, do entretenimento e seus hibridismos, constituem um patrimônio imaterial coletivo que pode ser considerado como um universo simbólico amplo que habita a água e traz elementos de regeneração de um sistema de pensamento e possíveis aprendizados de repactuação das formas de convivência com as fontes de águas e seus ciclos.

A elaboração da montagem da constelação das águas e seus simbolismos (Figura 1), elaborada seguindo o dispositivo warburguiano, possibilita a percepção e interpretação de um diálogo entre sentidos implícitos e explícitos, reunindo figuras de diferentes culturas, mitologias e arquétipos em torno do fluxo simbólico das águas.

O conhecimento indígena brasileiro conta que a lenda da lara (ou Uiara), do tupi y-îara, *senhora das águas* seria uma sereia de pele parda dos rios amazônicos, que atrai homens para as profundezas com seu canto hipnótico. E que Tupã, uma entidade guarani, cujo nome significa *a voz do trovão* e que em algumas narrativas é mensageiro do criador da vida e das águas, em outras é ele mesmo a origem de tudo. Diversas representações nacionais antigas e recentes atualizam as memórias da lara e Tupã como pode ser visto na Figura 1¹⁰.

10 A saber: (1) Sereismos, Davi Ângelo (2) Selo brasileiro de 1974, com a representação da lara para divulgação das Lendas Brasileiras (3) Estudo para Mãe D'água, 1925. Tarsila do Amaral (4) A Fascinação de lara, 1929, Theodoro Braga (5) ITSOHO NETO DO KATSEA MO ME DO WODZUA / HÁ MEMÓRIA DE



Figura 1 – Constelação Águas e os Simbolismos. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Na umbanda e no Candomblé, Oxum e Iemanjá são orixás femininas das religiões de matriz africana cuja primeira rege as águas doces, como rios e cachoeiras, sendo associada à fertilidade, ao amor e à riqueza e a segunda é a mãe e regente das águas salgadas, protetora dos mares e dos pescadores, símbolo de maternidade e proteção. Iansã, por sua vez, é a força que vive nas tempestades, nos ventos e eventos naturais intensos, e por fim, Nanã Buruquê ligada às águas paradas, pântanos e à lama, representando a ancestralidade, a morte e a renovação da vida.

No contexto brasileiro, através do sincretismo religioso, orixás e santos se sobrepuseram e se misturaram tanto como forma de preservar a cultura afro-brasileira, construir influência e incorporar elementos próprios na religião católica. Na prática, esse movimento além de uma estratégia de resistência cultural, também operou como uma tática sofisticada de negociação simbólica: ao associar divindades africanas às figuras do catolicismo, populações escravizadas conseguiam manter vivas suas cosmologias, seus rituais e suas potências, mesmo dentro de um sistema que as proibia. O sincretismo funcionou como uma camada dupla de leitura do mundo: aquilo que o colonizador via e aquilo que a comunidade realmente praticava. Era uma forma de dobrar a hegemonia sem confrontá-la diretamente que criou uma ponte que permitia continuidades culturais, afetivas e espirituais.

Na Igreja Católica articulam-se Santa Bárbara, São Nicolau de Myra, São Floriano e São Pedro dentro do contexto do sincretismo, percebemos como cada um deles se prende a uma dimensão específica da água e mantém diálogo com as cosmologias afro-brasileiras. Santa Bárbara, assim como Iansã, representa a água em movimento, a chuva que chega com vento, a tempestade e as forças intensas. São Nicolau de Myra, navegador espiritual e protetor de embarcações, se inscreve na água enquanto travessia pelos portos, rotas e deslocamentos. É uma figura fronteira que acompanha o mar e é padroeiro dos marinheiros, ele era um jovem rico que partilhou os seus bens com os pobres.

São Floriano, embora associado à proteção contra incêndios, é também o santo que controla os elementos e restabelece equilíbrio. Seu gesto de apagar o fogo com água funciona como metáfora da ação das águas doces, capazes de domar a seca, fertilizar a terra e sustentar a vida. Nele, a água aparece como força civilizatória, reguladora e cuidadora. São Pedro, guardião das portas do céu, também governa mares, pescarias e ciclos marítimos. Nas comunidades costeiras brasileiras, ele é convocado para garantir bom tempo, fartura e ordem nos ritmos do mar. Há nele um diálogo íntimo com Yemanjá, não como equivalência direta, mas como compartilhamento do mesmo território simbólico: o mar como horizonte de mistério, poder e estabilidade.

Por fim, a água benta funciona como um sacramental que concentra bênçãos, proteção e purificação. Ela prepara o fiel para receber a graça divina e opera uma espécie de transdução espiritual, deslocando algo de um estado para outro. A água é o meio pelo qual a transformação se torna tangível. Carrega a memória da criação, do batismo, do renascimento, e faz do gesto de benzer uma passagem entre dois modos de existir. Nesse sentido, a água é compreendida como veículo que absorve, conduz e materializa a palavra dita, transformando um ato mediado pela tela em presença espiritual concreta. O que emerge dessas práticas, em diferentes tradições, é o reconhecimento de que a água é um dispositivo simbólico que vai além de recurso natural, capaz de atravessar

NÓS NA VOZ DOS RIOS, 2023; Yacunã tuxá (6) Iara, 1920; Carlos Hadler (7) Tupã, 1920; Carlos Hadler (8) Último Marabá, 1920 Rafael Amoedo (9) *Jejaryi ava'i haúpei yakã* 'A avó o menino e o rio, da série *Memórias de uma casa de barro no pampa*, 2024 e Yvy Tenondé, 2022; Xadalu Tupã Jekupé (10) Chamã Tupã, Ancestral! 2021; Fau Martins.

fronteiras: do espiritual para o material, do coletivo para o íntimo, do rito para a vida cotidiana e coletiva.

Agora, em um olhar panorâmico entre as culturas mundiais, a partir da antiguidade clássica, vindo da mitologia grega, Nereu é um deus marinho primitivo, pai das Nereides, ninfas do mar. Com o tempo, é substituído por Poseidon, deus dos mares, maremotos e tempestades, casado com Anfitrite, uma Nereide capaz de acalmar o mar. O titã Oceano, filho de Urano e Gaia, personifica o rio imenso que circunda a Terra, sendo fonte primordial de águas doces e pai de rios e ninfas aquáticas. Entre os astecas, Chalchiuhtlicue, *aquela da Saia de Jade*, é a deusa dos lagos, rios e mares, associada ao batismo e aos nascimentos, Tlaloc é o deus da chuva, trovões e fertilidade, vinculado às águas subterrâneas e à irrigação.

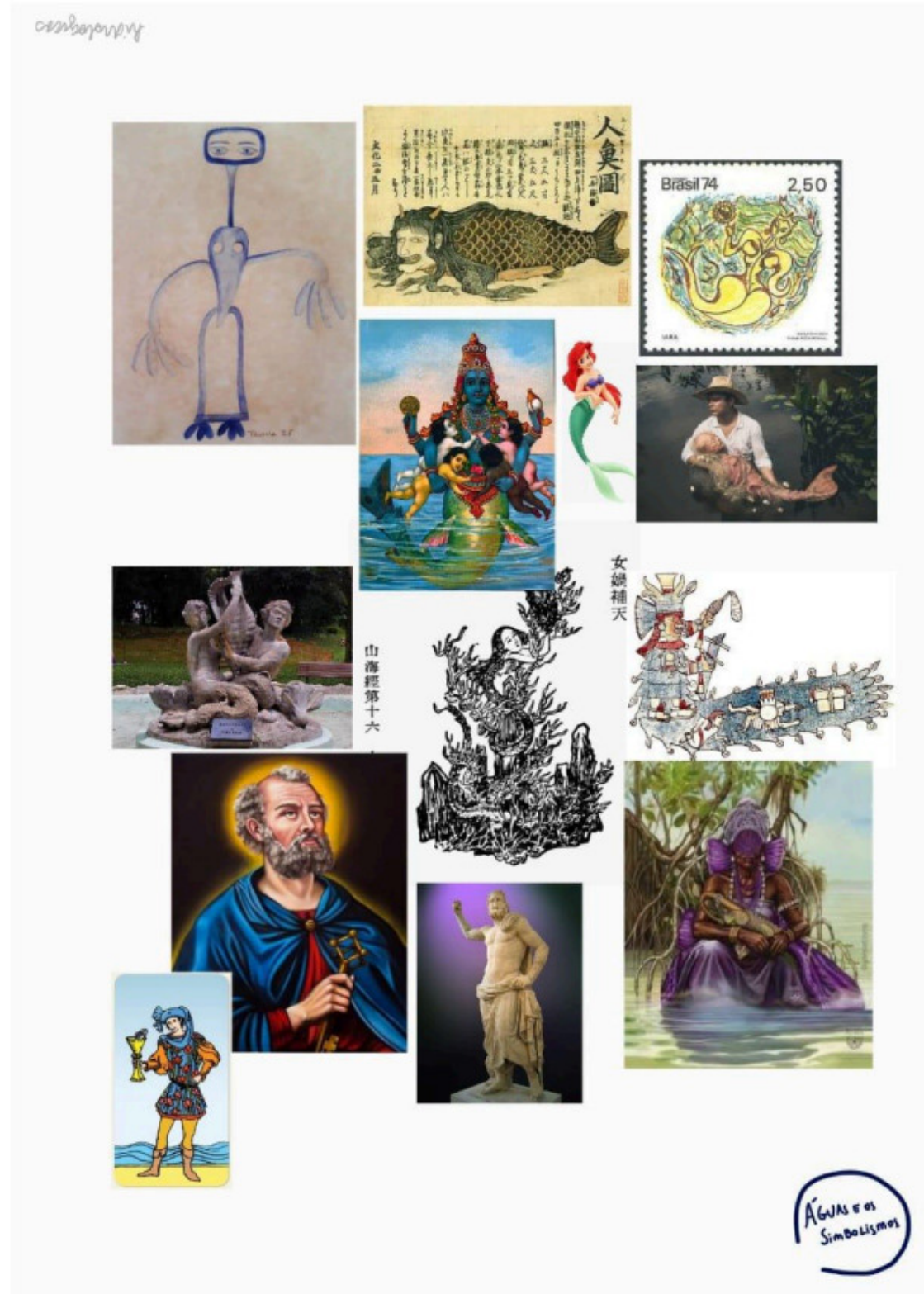
No Hinduísmo, o peixe possui forte simbolismo: Matsya, a primeira encarnação do deus Vishnu, aparece como peixe gigante ou metade homem, metade peixe, que salva Manu, o primeiro homem, de um dilúvio. Ne: 人魚 cultura, alimentar peixes é um ritual de purificação cármica. No Japão, o Ningyo (人魚, peixe humano) é criatura folclórica semelhante à sereia, um monstro marinho com características de peixe e humano, cuja carne, segundo a lenda, concedia juventude eterna. Ainda no Japão, o peixe-remo é conhecido como *peixe do fim do mundo*, pois sua aparição é vista como presságio de terremotos e tsunamis. E, na mitologia chinesa, destacam-se o Rei Dragão (Leigang), que governa os mares e controla as chuvas; Gong Gong, deus das águas e causador de inundações; Nüwa, deusa criadora da humanidade e ligada à água; e Shuimu, entidade associada a rios e lagos.

Como pode ser observado na Figura 1, e a partir do que foi exposto até aqui, a recorrência de figuras femininas ligadas às águas sugere permanências simbólicas associadas à fertilidade, sedução, proteção e perigo. Entretanto, enquanto cosmologias indígenas e afro-brasileiras posicionam a água como entidade viva e relacional, repertórios modernos tendem a estetizá-la ou domesticá-la, como nas narrativas audiovisuais do cinema e televisão.

Mitos, crenças e sonhos que atravessam culturas e imaginários, e mostram que a água é sempre reimaginada em seu universo encantado pelos e para os humanos. Percebe-se, portanto, que o símbolo metade humano, metade peixe é uma constante para a humanidade desde tempos remotos. A recorrência de entidades híbridas humano-peixe em distintas culturas não sugere equivalência entre cosmologias, mas aponta para a persistência simbólica da água como fronteira entre mundos e dicotomias: doce/salgado; homem/mulher; profano/sagrado. Assim, entre orixás, lendas e mitologias a água é projetada como elo universal entre mundos visíveis e invisíveis que estão em fontes de vida, mistério, purificação e transformação, correndo por rios sagrados, revelando sonhos, conectando povos, crenças e imaginários.

As confluências e coexistências

Se os imaginários revelam modos simbólicos de relação com as águas, torna-se necessário compreender como esses repertórios podem coexistir sem serem reduzidos a equivalências universais. É nesse ponto que a noção de confluência se faz relevante. Confluência é um termo geográfico que designa a junção de dois ou mais cursos d'água ou correntes marinhas, definindo o ponto exato onde isso ocorre. Os rios se encontram, as águas se misturam, recebem um nome novo com qualidades herdadas de seus antecessores e nasceu um rio diferente. Pode acontecer também de um grande rio ser alimentado por pequenos córregos e riachos, cujas águas fortalecem o rio principal que, a partir de então, segue mais volumoso sob um mesmo nome.



Milhares de confluências são possíveis quando pensadas da perspectiva da bacia hidrográfica: a dança da água entre os afluentes, potência original das nascentes, os lençóis freáticos e o relevo, com os seus pontos altos e baixos, divisores, marcações e conformação das mais diversas; os limítrofes de onde uma bacia se aproxima da outra entrelaçada pela vegetação e ambiências.

Confluência, renovada em sua significação, por Antônio Bispo dos Santos designa o nome dessa festa de encontros de uma gota encontra outra e se juntam, formando uma gota maior, rio com rio, rio com terra, águas brotando do chão e de gente com gente, e gente com as cosmológicas e todos os outros seres vivos. E quanto aos desaguamentos, de águas locais que se entregam ao um mar coletivo; desaguar é uma forma de confluência que confia que o que sai de nós se mistura a algo maior.

Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não tenho

dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente conflui, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Santos, 2023, p. 65).

A confluência como uma característica de uma epistemologia orgânica, tão bem situada por Nego Bispo, pode ser compreendida pela qualidade imersiva e sensível presente na organicidade dos seres. Se a água acolhe a pluralidade sem medo de que o encontro dissolva identidades é porque o envolver-se com o que nela mergulha e a dissolução própria da mistura, é inerente ao seu ser. Este modo de conhecer ensinado pelas águas, fluente aos deslizos do terreno e adepto às misturas corporais, leva a concluir que assim como o encontro se expande, transformam-se também as densidades.

Convencionalmente, o nome do rio mais denso e volumoso é o sobrenome dessa família, nome de sua Bacia Hidrográfica. Perguntaria alguém desconfiado: *É razoável pensar no sobrenome de água?* e retornaríamos o questionamento: *Existe algo mais humano do que buscar classificações como nomes e sobrenomes?* Essa habilidade de assimilar como linguagem, é uma atividade humana. Nomear é uma tarefa ultraespecífica da humanidade, assim como classificar, descontextualizar e hierarquizar para eliminar; e com as bacias hidrográficas, seus nomes, políticas, usos, não é diferente.

Por isso, nem tudo conflui, só conflui o que é possível envolver, veja sob outra perspectiva: quando a chuva cai no rio, é confluência plena; quando cai na terra é felicidade; quando cai no asfalto ou no concreto, é uma confluência confusa e a água parece se perguntar: *Para onde eu vou? Que dureza é essa?* Por isso, as razões da imiscibilidade para compreender onde e quando confluímos nas ideias, projetos, afetividade, nas lutas e entramos na circularidade do ciclo da água; por isso, reencantar a natureza passa pela força de oferecer novos nomes e novas compreensões aos fenômenos. Destaca-se que ao tratar a água como agente, não se pretende antropomorfizá-la, mas reconhecê-la como participante ativo das relações territoriais, culturais e sociais.

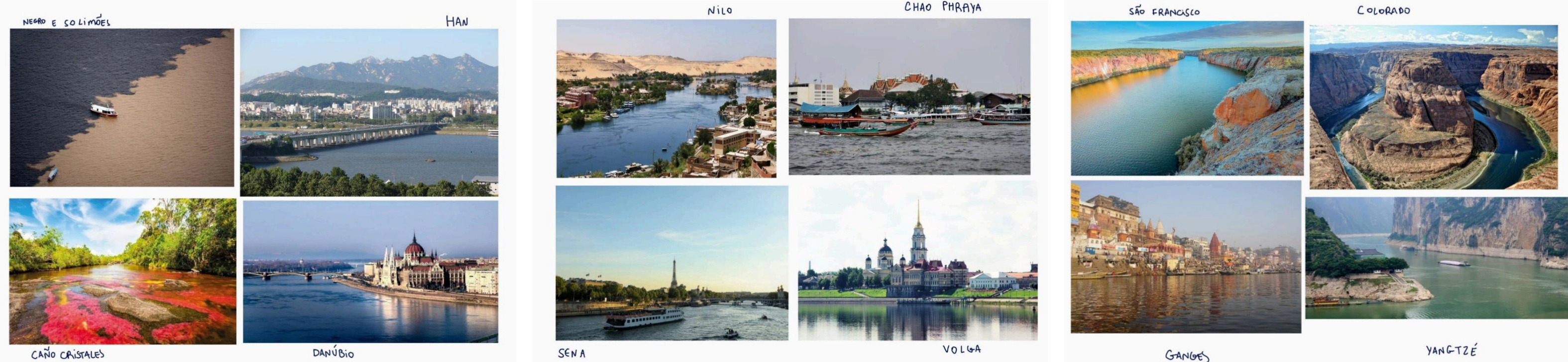
A saúde planetária

Compreender a saúde planetária a partir da perspectiva das águas é considerar cidades, comunidades e a natureza (ou, melhor seria dizer, Gaia) implicadas em três dimensões: os imaginários das águas, mapeamento aéreo em grande escala e a presença concreta do rio. Claro que para uma transformação da realidade da saúde planetária precisaríamos de muitos mais elementos, como capital financeiro e intelectual, vontade política, enfrentamento da injustiça socioambiental, estudo de caso detalhado. Contudo, para os fins deste percurso reflexivo bastam as dimensões citadas.

A camada de símbolos, mitos e representações culturais é fundamental para pensar a saúde global, porque e amplia o olhar para além das intervenções biomédicas e considera a ambiência, as percepções coletivas e as formas culturais pelas quais comunidades entendem o corpo, o cuidado e a própria experiência de adoecimento. A saúde não é apenas um estado fisiológico, mas também uma construção simbólica que se inscreve nos territórios, nas práticas religiosas, nas narrativas de origem, nos medos e nas esperanças compartilhadas.

Quando políticas públicas urbanas ignoram esses elementos, desconsideram o modo como os vivos interpretam o que é risco, proteção, cura ou ameaça e expectativas

Figura 3 – Abre-alas da Viradouro (2016). Alegoria da Vila Isabel (2012). Fonte: Eduardo Oliveira Soares.



sobre ambientes saudáveis, práticas de cuidado e escolhas cotidianas. Incorporar essa camada simbólica na saúde global significa reconhecer que ambiência não é apenas estrutura física, mas um campo de significados: o que a comunidade sente em relação a um rio, a uma nascente, ao córrego, as matas ciliares são percepções coletivas moldam comportamentos, adesões, recusas e modos de convivência e influenciam desde confiança institucional até a forma como se organizam redes de apoio.

Nessa perspectiva, saúde planetária passa a ser a capacidade de dialogar diretamente com os universos simbólicos que orientam práticas sociais, e isso inclui compreender medos, forças espirituais atribuídas a certos lugares, modos de nomear o sofrimento e alegrias, expectativas sobre o que é saúde local inscrita numa noção mais ampla de vitalidade, planetária.

O segundo ponto, mapeamento aéreo seja por satélites, drones ou modelos topográficos de alta resolução, cria uma visão ampliada da Terra e permite compreender a saúde planetária como sistema. A partir do alto, rios deixam de ser linhas isoladas e revelam suas redes: bacias, microbacias, nascentes, áreas de recarga, zonas de inundação, territórios vulneráveis e regiões de conflito hídrico. Essa perspectiva aérea expõe relações que a cidade, no nível do chão, costuma encobrir e mostra como o curso de um rio se relaciona com desmatamentos, expansão urbana, impermeabilização do solo, poluição, lixões a céu aberto, estruturas de saneamento, perda de vegetação ciliar, padrões de mobilidade e condições socioeconômicas. Torna visíveis as desigualdades geográficas onde a água falta, onde sobra violentamente, onde é sequestrada, desviada, canalizada ou simplesmente esquecida.

Para a saúde planetária, essa escala macro assume um componente ético que permite reconhecer que um território não existe isolado, e que a saúde de uma cidade depende da saúde do solo adjacente, da floresta ao lado, da chuva que cai em outro município, do aquífero que atravessa fronteiras e, portanto, cria consciência de interdependência. É uma forma de ver Gaia como organismo, onde cada intervenção se espalha em cadeia. Assim, oferece base para decisões públicas mais responsáveis e para modelos de governança que tratam a água como bem comum.

Por fim, a presença concreta do rio devolve à saúde planetária a sua dimensão imediata e sensível no nível do chão, o rio deixa de ser abstração hidrológica e se torna corpo com fluxo, cheiro, cor, temperatura, profundidade, risco, alimento. Nele, a materialidade das políticas, infraestruturas e vidas se encontram e cada comunidade lê o rio a partir

de sua própria história seja ancestral, urbana, espiritual, afetiva ou produtiva e essa leitura orienta práticas de cuidado, uso e convivência.

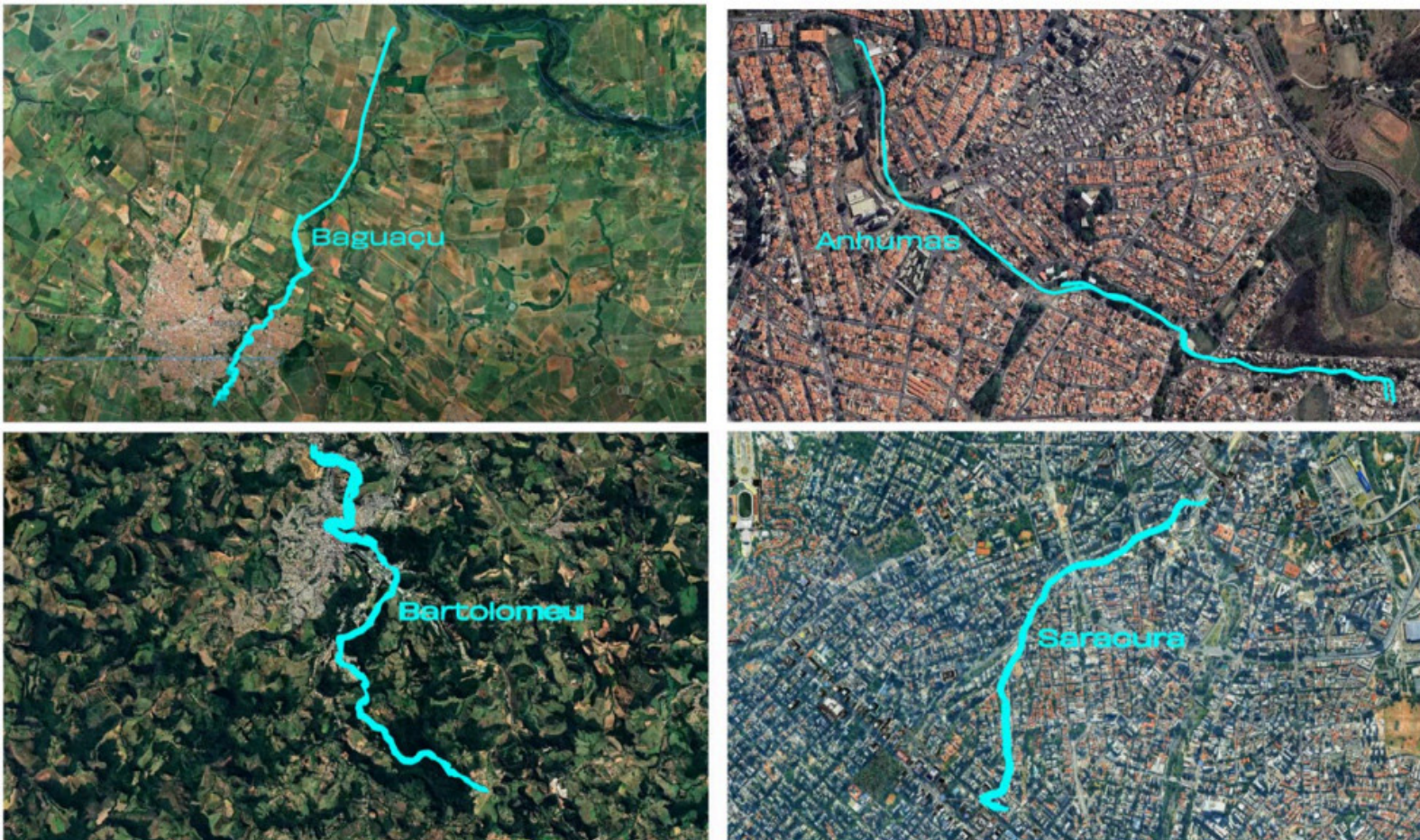
É na presença concreta do rio que o cotidiano revela sua condição de saúde: a qualidade da água, os riscos de doenças de veiculação hídrica, a oferta de saneamento, a pesca existente ou inexistente, as enchentes, as margens, exploração ou vulnerabilidade. Na experiência tanto infraestrutura natural quanto dispositivo cultural, o rio é capaz de estruturar rotinas e produzir efeitos diretos sobre o bem-estar físico e emocional das populações. Especialmente, rios canalizados ou soterrados continuam a existir na imaginação coletiva como fantasmas hidráulicos que insistem em reaparecer e seja em enchentes, essa presença não se limita ao curso visível; porque insiste na memória do território.

Compreender a saúde planetária a partir da presença concreta do rio é reconhecer que toda política ambiental precisa tocar o cotidiano das águas que as pessoas encontram e é o convite de ação coletiva mais imediato e evidente com uma clareza impossível de ignorar, e que a saúde das cidades é inseparável da saúde de seus corpos d'água.

Essa abordagem evidencia que a discussão sobre saúde planetária depende de uma compreensão integrada entre dimensão simbólica, leitura territorial e observação situada, reconhecendo os rios como infraestrutura ecológica fundamental, bem comum e indicador da qualidade das relações entre sociedade e ambiente.

Oferecer tempo para olhar as três dimensões da água é uma forma de aproximar diferentes escalas de leitura à quarta escala, que é a global. A camada simbólica aberta ao encantamento, ao enfeitiçamento que as águas são capazes de promover, para além do recurso físico, atualiza os sentidos e sentimentos coletivos. A dimensão macro situa geograficamente redes hidrográficas, trajetos e territórios, oferecendo uma leitura estrutural interdependente e a presença imediata do rio encarnado mostra as condições reais no espaço urbano: canalizado, oculto ou cuidado e integrado, e que essa materialidade resulta de decisões políticas, econômicas e sociais.

Se a pergunta norteadora fosse: *Qual rio eu deveria seguir para chegar à casa do meu colega, à Amazônia ou a uma cachoeira do outro lado do mundo?*, seriam essas três camadas que guariam: as águas imaginárias, que criam o desejo e o trajeto simbólico; os mapas, que me situam geográfica, mas abstratamente; e o rio encarnado, que indica, na experiência concreta, se o caminho ainda existe ou foi interrompido. Assumir a perspectiva das águas e educar para a ver o rio como em um novo ciclo: simbólico, integrado e material que mostra que o modo como tratamos a água define não só a

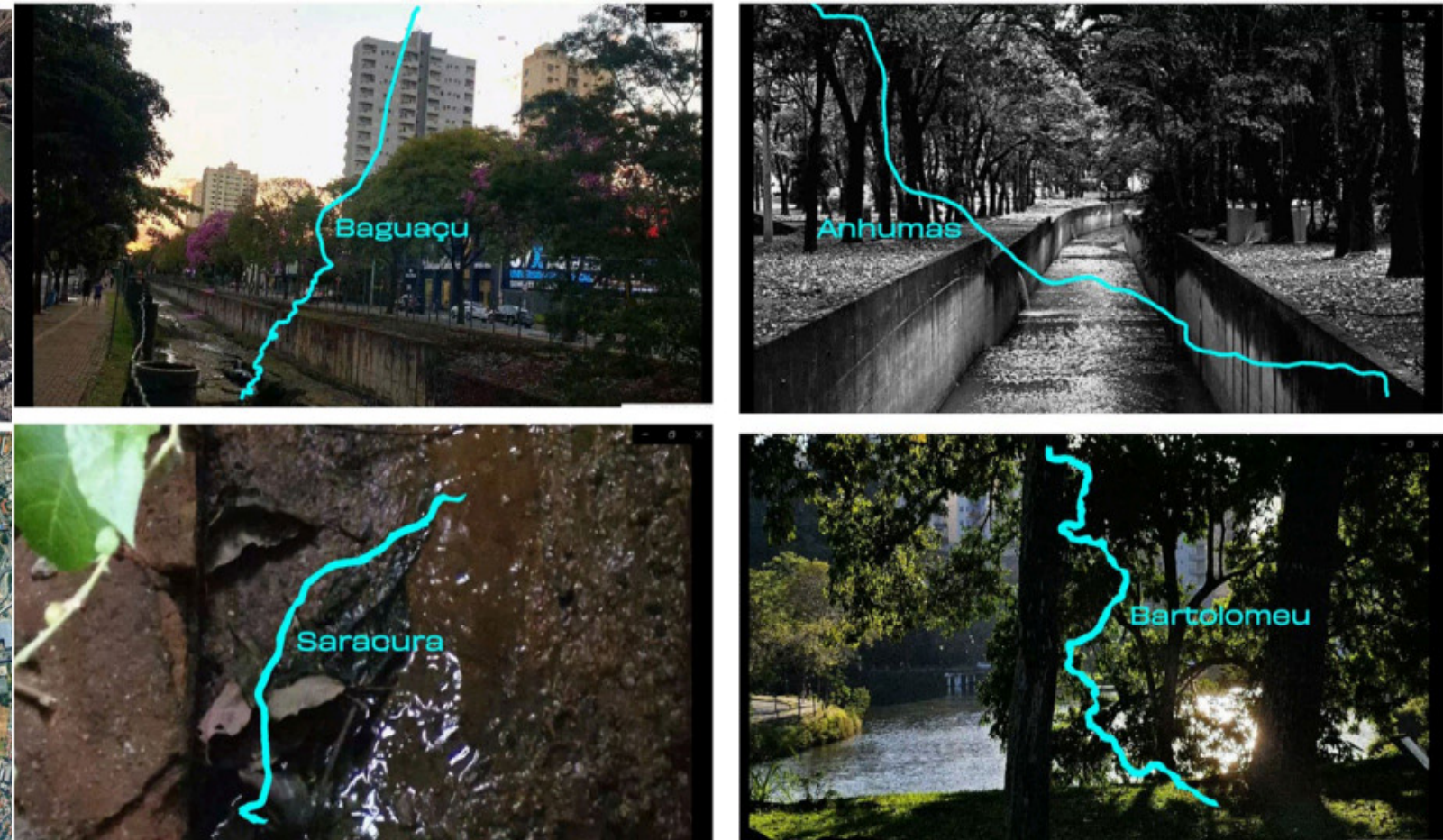


paisagem, mas também possibilidades de deslocamento, conexão e saúde do território. Ser capaz de experimentar esse tipo de fluxo, é garantir acesso e proteger as camadas simbólicas que habitam os rios e que são etapas indissociáveis de uma política de cuidado que entende a saúde planetária como interdependência viva entre territórios, imaginários e corpos d'água. Segundo Hylodes (2025):

A água simbólica, flui em direção à camada aquática do subconsciente humano, onde o conhecimento pode ser pescado no leito dos rios da imaginação. Quando o corpo é colocado em interação direta com a água, ele se torna uma fonte ativa de sentido. Não se trata apenas de observar ou estudar o ambiente, mas de vivê-lo, permitindo que a percepção sensível se articule à compreensão racional. O engajamento corporal abre espaço para uma forma de conhecer que emerge da experiência, e não apenas do pensamento abstrato. A natureza, nesse contexto, deixa de ser um objeto externo e passivo, e passa a ser percebida como uma entidade viva, presente, com intensidades, formas e ritmos próprios de manifestação. Essa mudança na forma de perceber restaura, para o humano, o valor intrínseco da própria natureza, não por sua utilidade, mas por sua existência mesma (Hylodes, 2025, n.p.)

Assim, a justaposição de imaginários poéticos, dos mapas macro e do registro dos rios encarnados faz com que o curta metragem, este ensaio e o mapeamento simbólico das águas funcionem como um convite a perceber o rio em sua uma presença integrada, extrapolando a narrativa visual e incitando a sentir os fluxos de vitalidade das águas que sustentam a ideia de saúde planetária. São os fluxos plenos das águas e não sua fragmentação em partes isoladas, como nos rios canalizados das cidades ou nas águas restritas a ambientes específicos, que interessam aqui: defender o rio como sujeito de direito, situar o observador em uma realidade local de múltiplos municípios brasileiros, pressionando cada pessoa a se reconhecer naquele fragmento que é, na verdade, apenas parte de um todo poderoso.

Contemplar as escalas e o todo revela o humano como pequeno diante da força das águas em sua dimensão planetária. Portanto, é possível ouvir a voz do rio ou, ao menos, não surpreende ser seduzido por essa apreensão sensível, dado que a



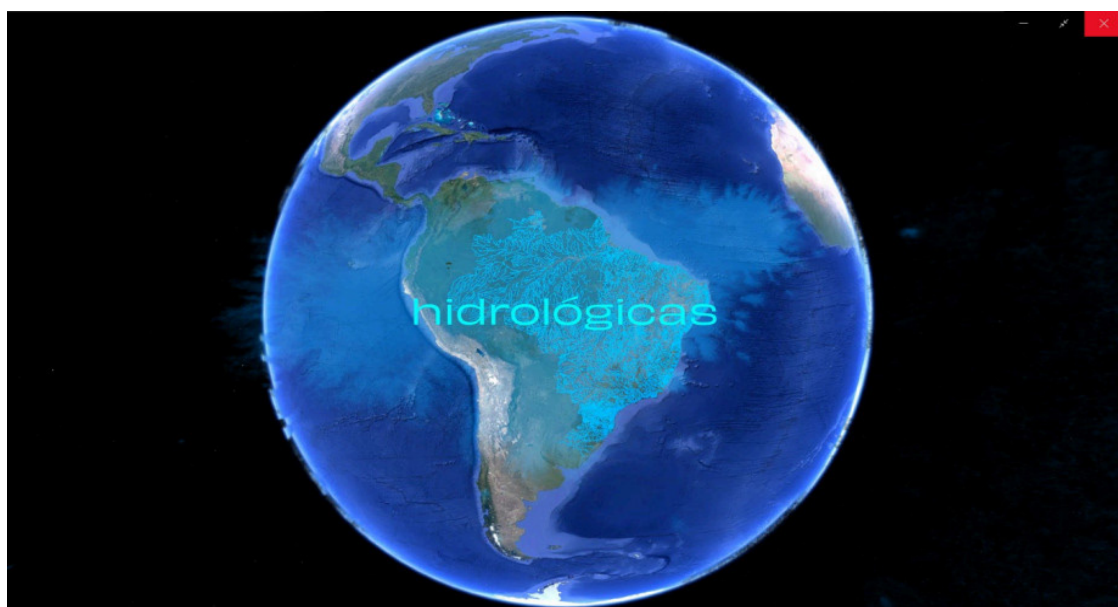
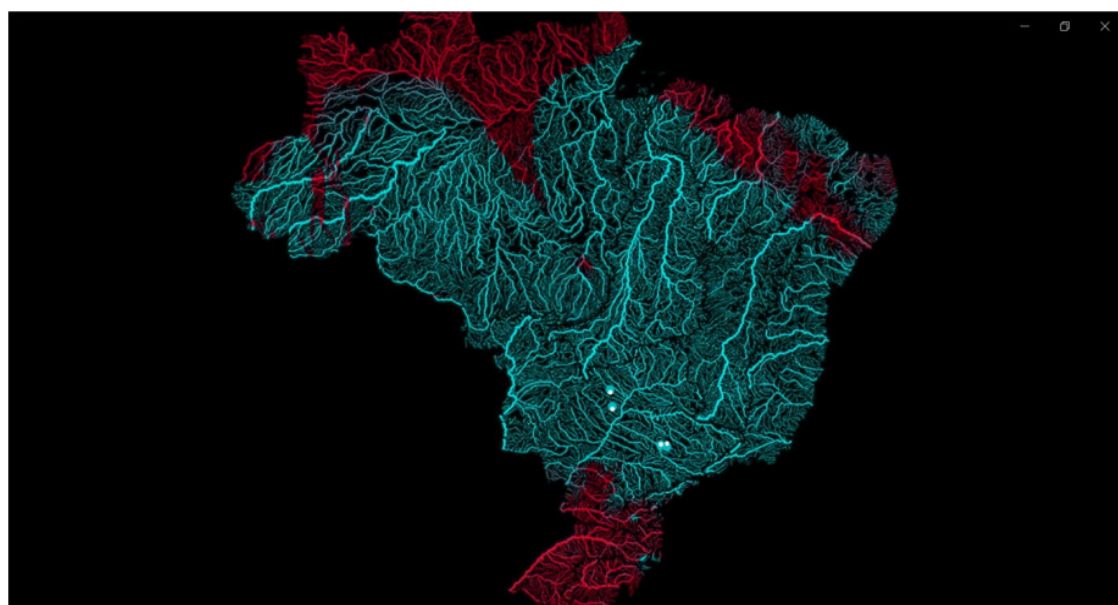
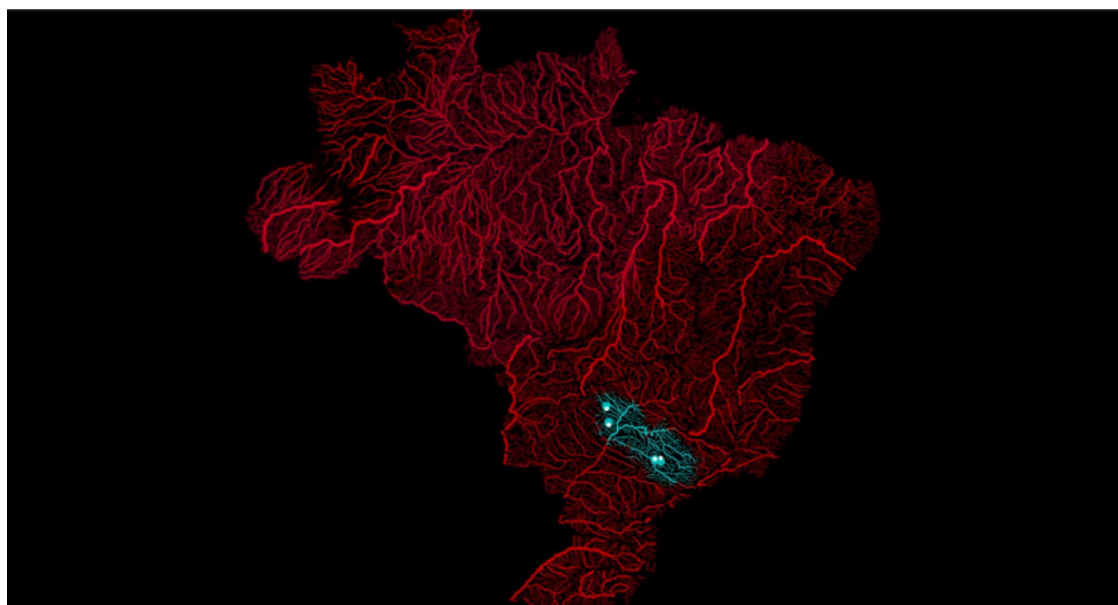
dimensão imersiva das águas age com força e poder que resgata simbolicamente o sonho humano da sereia: um corpo reintegrado aso mistérios aquáticos, à profundidade e à potência de pertencimento a um grande oceano comum.

Água e os comuns

Compreender a água como parte dos bens comuns implica em algumas regras que a organização e gestão assegure o uso, a preservação e a partilha justa entre humanos e não humanos. No caso das águas, a vitalidade de todos os seres depende de sua circulação livre, do cuidado constante e do compromisso com o ciclo natural. Onde a água flui, existe vida; onde é apropriada, represada, contaminada ou cercada, não é apenas o curso do rio que se rompe, mas também a saúde e modos de existir que dela dependem. A água como bem comum é restaurar o tempo do seu ciclo e reafirmar a responsabilidade coletiva no sentido de questionar leis e políticas extrativistas.

Como mercadoria, a água pode ser engarrafada, vendida e controlada e intensificada na lógica da privatização: empresas capturam nascentes, barragens desviam cursos d'água inteiros, agrotóxicos envenenam lençóis freáticos, traçados urbanos que privilegiam o automóvel desviam fluxos e canalizam águas. O que está em disputa, principalmente, são os modos de vida que reconhecem a água como presença desejada ou indesejada no território.

Como bem comum, retoma-se a tensão viva do compartilhamento, analisando as paisagens que compõem os rios desse estudo é possível ver nos quatro mapas aéreos (a partir de fotos de satélite) os cursos dos rios das cidades de cada integrante do grupo destacados: Baguaçu, Anhumas, São Bartolomeu e Saracura. O fundo evidencia o contexto urbano e rural, com ruas, bairros, manchas de vegetação e a malha de ocupação.



Esses mapas (Figura 4) enfatizam o traçado do rio como uma linha que atravessa o território e revelam como cada curso d'água se insere na paisagem mais ampla, mesclando áreas verdes, campos agrícolas ou zonas densamente urbanizadas. Em São Paulo e Campinas (Saracura e Anhumas) destaca-se a complexa malha urbana; em Viçosa (São Bartolomeu), predomina o relevo montanhoso; já em Araçatuba (Baguaçu), observa-se uma extensa área rural desmatada. O foco, nesta etapa, é cartográfico: ressaltar a escala, extensão e contexto geográfico de cada rio em seu território.

Em seguida (Figura 5), os mesmos quatro rios aparecem, mas agora em fotografias do solo, mostrando trechos reais desses cursos d'água no espaço urbano. O nome de cada rio está sobreposto, também em azul, como nos mapas. Vemos o Baguaçu canalizado em um leito de concreto, ladeado por prédios e árvores; o Anhumas atravessando, entre muros, um parque arborizado; o Saracura surgindo tímido em uma nascente, um filete entre solo e folhas dentro da ocupação urbana onde nasce - para depois seguir seu curso todo canalizado; e o São Bartolomeu, em trecho de lagoa artificial, mais livre, em meio à vegetação e refletindo a luz do sol, após transpor a cidade de maneira escondida. Aqui, o enfoque é sensorial e subjetivo, mostrando como o rio se manifesta na experiência do lugar, na escala humana.

As duas colagens juntas se complementam, dialogando entre a escala macro e a escala micro. A primeira torna evidente o rio como elemento da estrutura territorial, um veio hidrográfico que costura o espaço urbano e rural dentro do mapa - permitindo reconhecer as diferenças contextuais entre as cidades. A segunda revela o rio no cotidiano: margens concretas, margens arborizadas, águas represadas, águas livres, expostas ao cotidiano da cidade ou escondidas em tubulações. Enquanto o mapa aéreo abstrai o rio como dado geográfico, a foto em solo o encarna, mostrando-o como corpo, parte das paisagens construídas, apropriadas ou ocultas da contradição urbana - rios canalizados, encobertos, margens impermeabilizadas, mas ainda marcadas pelos resquícios de sua vida natural. A construção visual se realiza por meio de mapas em três contextos: local imediato, cidade corresponde aos rios (Figura 6); local expandido, Brasil (Figura 7); e global, mapa hidrográfico brasileiro inserido no mundo (Figura 8).

Por fim, *Hidrológicas* se aventura em entrelaçar os ciclos biológicos e os ciclos humanos de uso das águas para tornar visível o mundo em que se vive e do qual se vive. Latour e Schultz, em *Memorando sobre Classe Ecológica* (2022), reforçam que tornar visível a classe ecológica é reconhecer elementos materiais – como águas, solos e ar – como participantes ativos e diretos da cena política. São estes elementos que, ao se tornarem instáveis, ameaçam as condições de habitabilidade do planeta. Sendo assim torna-se possível perceber as lógicas que operam, produzem, multiplicam e definem as águas como parte integrante e indissociável de ambos os universos. Tornar visível o percurso de águas próximas, distantes e muito distantes, implica em um conhecimento favorecido pelas experiências, identidades e posições do sujeito que os reconhecem ao longo de um contexto de familiaridade. Assim, o poema também se converte em ato ecológico quando ao nomear, corporifica e oferece corpo à crise, e com isso traz possibilidades de permanência, pois, neste enquadramento, as águas fluem para além de seus leitos geográficos ao contar histórias de cuidado e negligência.

A perspectiva das águas para a saúde planetária, o poema, o curta metragem e este ensaio convidam a um movimento de retorno: a tarefa de manter a habitabilidade da Terra depende também de um reencantamento sensível e material com aquilo que nos sustenta. Assim, *Hidrológicas* se consolida como uma experiência estética que traz as águas como narradoras de trajetórias compartilhadas entre urbano, natural, global e local. Instaura um campo no qual a geopoética adquire força para tensionar

discursos hegemônicos sobre uso e posse, transferindo o olhar para a possibilidade de coexistência capaz de inspirar práticas mais harmônicas e comprometidas com uma continuidade de vida no planeta plena em saúde e justiça.

Referências

HYLODES, Laura; ANHUMAS, Ribeirão das. *Escutar o rio: como fazer & como amar*, Campinas, v. 12, n. 28, jun. 2025. Online. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/escutar-o-rio/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

INSTITUTO CONFÚCIO. *História sem fim*. 2024. Online. Disponível em: <https://www.institutoconfucio.com.br/historia-sem-fim/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Yara Tupynambá. *Enciclopédia Itaú Cultural*, 2024. Online. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2261-yara-tupynamba>. Acesso em: 21 jul. 2025.

LATOUR, Bruno; SCHULTZ, Nathalie Cristina Barros. *Memorando sobre a nova classe ecológica: como fazer emergir uma classe ecológica, consciente e segura de si*. Petrópolis: Vozes, 2022.

MATSYA. *Wikipedia*, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Matsia>. Acesso em: 21 jul. 2025.

NUWA. *Wikipedia*, 2024. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/N%C3%BCwa>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne. [1924-1929]*. Edição crítica de Martin Warnke e Claudia Brink. Madrid: Akal, 2010.

WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. *Textos fundadores*. Tradução de Márcia Marques-Rambourg, 2023. Online. Disponível em: <https://www.institutgeopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 21 jul. 2025.